

**“Julgou o jury a Brasileira, não julgou os concorrentes”: coleção e produção intelectual no Brasil dos anos 50**

***“Julgou o jury a Brasileira, não julgou os concorrentes”: collection and intellectual production in Brazil in the 50s***

**Giselle Martins Venancio**

Universidade Federal Fluminense

gmvenancio@hotmail.com

**Resumo:** Este texto investiga os concursos realizados pela Brasileira, em 1957 e 1958, com o objetivo de selecionar o título que viria a ser publicado como o número 300 da coleção. O processo de realização dos concursos coloca a Brasileira, uma das mais importantes coleções do país no século XX, como palco de disputas intelectuais intensas que, em grande medida, refletem o processo de reconfiguração do campo intelectual brasileiro em curso naquele período. E demonstra que as coleções – aparentemente homogêneas, regulares e coerentes –, revelam, se analisadas em seu processo de elaboração, fortes disputas entre seus organizadores.

**Palavras-chave:** Coleção Brasileira; Américo Jacobina Lacombe; Companhia Editora Nacional

**Abstract:** The goal of this paper is to investigate the competitions held by Brasileira, in 1957 and 1958, in order to select the title that would later be published as number 300 of the collection. The process of realization of such competitions puts Brasileira, one of the most important collections of the country in the twentieth century, as the scene of intense intellectual disputes, largely reflecting the process of reconfiguration of the Brazilian intellectual field in progress at that time. And demonstrates that the collections - apparently homogeneous, regular and consistent – reveal, if analyzed in their development process, strong disputes among its organizers.

**Keywords:** Brasileira Collection; Américo Jacobina Lacombe; Companhia Editora Nacional.

**Artigo recebido para publicação em:** junho de 2014

**Artigo aprovado para publicação em:** agosto de 2014

O título deste artigo reproduz a manchete do jornal *Diário de São Paulo*, publicado no dia 24 de novembro de 1957. A matéria trata da coleção *Brasileira*, editada pela Companhia Editora Nacional. A notícia se refere, especificamente, a um concurso que se realizou, no ano de 1957, com o objetivo de escolher o livro que viria a ser o número 300 da *Brasileira*, inaugurando sua nova fase, sob a direção de Américo Jacobina Lacombe.

Pelas normas estabelecidas pela Companhia Editora Nacional, o concurso deveria reunir textos inéditos, que versassem sobre temas brasileiros, e seria organizado juntamente com a Sociedade Paulista de Escritores. Ao vencedor, caberia além da inserção do seu livro na coleção, um prêmio em dinheiro.

O concurso acabou não tendo nenhum vencedor. O prêmio não foi entregue. Embora tenha havido um número significativo de concorrentes, o júri do concurso não selecionou nenhum trabalho. O resultado surpreendeu. A notícia repercutiu amplamente na imprensa, que se interessou em saber as razões de tão inesperada situação.

O *Diário de São Paulo*, entre outros periódicos, abordou o assunto. Sua reportagem, porém, teve um aspecto curioso. Apesar de Américo Jacobina Lacombe ser, naquele momento, o novo diretor da coleção, e em última instância, o responsável pela organização do concurso, o jornal escolheu entrevistar Florestan Fernandes, professor da Universidade de São Paulo (USP), e um dos membros do júri de seleção dos livros.

Ao responder às perguntas do repórter, Florestan justificou a ausência de vencedor e explicou:

Não se tratava apenas de dar 50 contos (valor do prêmio) ao melhor trabalho apresentado. Neste caso, sempre haveria um melhor, mas a obra que escolhêssemos seria publicada como o 300º volume da coleção, abrindo uma fase nova da qual seria uma espécie de amostra... Achamos que não havia nenhum que merecesse a honraria. Mais ainda, achamos que a complacência de nossa parte inutilizaria o concurso – que começaria mal pois este ano o prêmio iria ser distribuído pela primeira vez e não atingiria o seu fim principal, que é justamente inaugurar uma fase nova na *Brasileira*.<sup>1</sup>

A fala de Florestan Fernandes, como se vê, não se limitou a analisar os concorrentes. O professor aproveitou a entrevista para fazer uma avaliação mais ampla e elaborar seu julgamento sobre a coleção, ao afirmar que “pela primeira vez cinco intelectuais, cinco especialistas na matéria, (pois eram cinco os julgadores), puderam manifestar a sua opinião sobre a *Brasileira* [...]”. E a opinião de Florestan Fernandes era que, embora a *Brasileira* tivesse prestado “excepcionais serviços à cultura brasileira”, já era hora de os organizadores da coleção serem “mais rigorosos na seleção dos textos a publicar” e “darem mais coerência à lista de títulos”.<sup>2</sup>

Florestan Fernandes era, naquele momento, a personalidade mais importante e singular das ciências sociais brasileiras, pois, segundo Maria Arminda Arruda, era o indivíduo que tinha tomado para si a “missão de edificar as bases científicas da sociologia no Brasil”.<sup>3</sup> A fala de Fernandes expunha, então, uma crítica à coleção, mas também uma proposta original, novos procedimentos que deviam pautar os estudos sociológicos no país. Talvez por esse motivo o jornal tenha preferido dar voz ao professor paulistano e não ao diretor da coleção.

<sup>1</sup> *Diário de São Paulo*, 24 de novembro de 1957 (recorte do Arquivo Américo Jacobina Lacombe, FCRB, pasta 291).

<sup>2</sup> Todas as citações foram extraídas da reportagem de o *Diário de São Paulo*, de 24 de novembro de 1957.

<sup>3</sup> ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. A sociologia de Florestan Fernandes. *Tempo Social*, revista de sociologia da USP, vol. 22, n. 1, p. 12.

A realização do concurso em 1957, a ausência de vencedor e a entrevista de Florestan Fernandes ao *Diário de São Paulo* evidenciam algumas questões que podem ser consideradas paradigmáticas das disputas intelectuais em curso nos anos 50, no interior da coleção *Brasiliana*. O processo do concurso põe em cena os conflitos travados entre os intelectuais originários das instituições acadêmicas paulistas, particularmente a Universidade de São Paulo, e os demais grupos presentes na coleção, e manifesta a força do poder legitimador dos primeiros.

Isso coloca a *Brasiliana*, uma das mais importantes coleções do país no século XX, como palco de disputas intelectuais intensas que, em grande medida, refletem o processo de reconfiguração do campo intelectual brasileiro em curso naquele período. E demonstra que as coleções – aparentemente homogêneas, regulares e coerentes – revelam, se analisadas em seu processo de elaboração, fortes disputas entre seus organizadores.

É possível refletir, então, a partir da questão de como, e em que condições sociais, os grupos culturais<sup>4</sup> se organizam e que procedimentos eles edificam para legitimar e divulgar suas ideias. O estudo de grupos culturais específicos tem “recebido uma atenção crescente [...] de uma história intelectual cada vez mais alerta aos múltiplos contextos e tramas em que se desenrola a dinâmica da vida intelectual, que nunca [...] é só uma dinâmica de obras e ideias”.<sup>5</sup> A análise da realização dos concursos de 1957 e 1958 permite investigar a relação entre a Companhia Editora Nacional e os grupos intelectuais emergentes e mais inovadores do período, e suas estratégias para transformar as coleções em espaços de difusão de uma ciência social considerada, por eles, de maior qualidade e mais científica. Esta análise torna possível associar uma compreensão das ideias em circulação com os espaços institucionais e editoriais nos quais elas se inserem, restituindo “os contextos mais significativos de sua ocorrência”<sup>6</sup> e traçando uma possível cartografia de sua inscrição social.

## A *Brasiliana* nos anos 50

A coleção *Brasiliana* foi publicada, no período compreendido entre os anos de 1931 e 1993, pela Companhia Editora Nacional.<sup>7</sup> Desde seus primeiros anos de funcionamento, esta editora se especializou em livros escolares, textos de literatura e poesia, e preocupou-se com a segmentação de seu público, utilizando como principal estratégia de conquista de mercado a organização de coleções destinadas a um leitor específico. As obras publicadas pela Nacional eram, segundo Maria Rita Toledo, “ordenadas em séries ou coleções, ou seja, o acervo editorial era classificado e organizado de acordo com as fatias do mercado às quais estava destinado”.<sup>8</sup>

A mais importante coleção organizada pela Companhia Editora Nacional, ainda nos seus primeiros anos, foi a *Biblioteca Pedagógica Brasileira*, cuja direção, num primeiro momento, coube ao educador

---

<sup>4</sup> PETRA, Adriana. Em La zona de contato: pasado y presente y La formación de un grupo cultural. In: AGUERO, Ana Clarissa y GARCIA, Diego. *Culturas interiores: Córdoba em la geografía nacional e internacional de la cultura*. La Plata: Al Margen, 2010, pp. 213-240.

<sup>5</sup> PETRA, Adriana. *op cit.* p. 214.

<sup>6</sup> AGUERO, Ana Clarissa e GARCIA, Diego. Introducción. Ins: \_\_\_\_\_. (orgs). *Culturas interiores: Córdoba em la geografía nacional e internacional de la cultura*. La Plata: Al Margen, 2010, p. 22.

<sup>7</sup> Como é de amplo conhecimento a Companhia Editora Nacional era dirigida por Octales Marcondes Ferreira e localizava-se na cidade de São Paulo.

<sup>8</sup> TOLEDO, Maria Rita. A Companhia Editora Nacional e a política de editar coleções: entre a formação de leitor e o mercado de livros. In: ABREU, Márcia e BRAGANÇA, Aníbal (orgs.). *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Unesp, Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2010, pp. 141-142.

Fernando de Azevedo. A coleção dividia-se em cinco séries organizadas de forma a que cada uma delas se destinasse a um leitor cada vez mais erudito e experiente. Assim, a primeira série era destinada à *Literatura infantil* e a segunda aos *Livros didáticos*. As séries seguintes eram voltadas aos professores e ao público que vinha se formando com o surgimento de universidades e a ampliação do número de cursos superiores no país: a terceira série intitulava-se *Atualidades Pedagógicas* e a quarta chamava-se *Iniciação Científica*. A quinta série, que acabou por se tornar a mais importante das coleções da Nacional, e que se tornou autônoma em relação à antiga coleção, foi intitulada *Brasília*.

Na opinião de Eliana Dutra, o trabalho editorial da Nacional, especialmente o processo de organização da coleção *Brasília*, deve ser compreendido como parte da elaboração de uma pedagogia da nacionalidade, levada a cabo, nos anos 30 no Brasil, tanto por iniciativas privadas – como a criação das coleções com o objetivo de formar um público leitor mais crítico e conhecedor de aspectos importantes da cultura brasileira – como pelo próprio Estado. Segundo esta autora, havia naquele momento um projeto nacionalista que pressupunha certas condições básicas para se realizar:

a expansão da educação elementar; a produção em bases científicas e empíricas de um conhecimento da vida e dos reais problemas do Brasil de forma a assegurar a formação de uma consciência nacional; e a construção de uma política cultural pelo Estado, cuja reorganização de seu aparelho era a garantia da consolidação de uma política de modernização do país.<sup>9</sup>

Dessa forma, como evidencia a autora, “o dinamismo editorial da Nacional vai encontrar, no interior desse projeto nacionalista, um terreno fértil e favorável, e ambos acabam por fazer parte de um mesmo empreendimento”.<sup>10</sup> A *Brasília* foi então a principal coleção da Companhia Editora Nacional e, possivelmente, a mais importante coleção publicada sobre o Brasil ao longo do século XX. Como se afirmava no *Catálogo Brasileira comemorativo dos 200 volumes*, este projeto editorial, o mais ambicioso já posto em circulação no país, tinha o objetivo de servir para “descobrir o Brasil aos brasileiros, torná-lo cada vez mais conhecido para o fazer mais amado”.<sup>11</sup>

A ideia fundamental de seus organizadores era criar um amplo panorama sobre o país, de forma que um imaginário nacional e nacionalista pudesse ser forjado pela coletividade. E ainda, na opinião de Eliana Dutra, que um efeito cognitivo derivasse da leitura da coleção,

permitindo, de um lado, um contato com a nação através de vários conteúdos de forma a forjar a identidade nacional pela valorização de imagens e de signos identitários capazes de representar a identidade nacional no seu conjunto. De outro, que as ideias de uma identidade do todo, da coesão social e da unidade do país, a partir de um centro; e da unificação da nação numa mesma temporalidade e progressão da história nacional, [...] [fossem] afirmadas no modelo de nação e Estado-nação da Brasileira.<sup>12</sup>

Ao longo do período em que foi publicada, entre 1931 e 1993, esta coleção tornou-se, portanto, um privilegiado espaço de difusão da produção intelectual sobre o Brasil, constituindo-se em uma biblioteca real

<sup>9</sup> DUTRA, Eliana Regina de Freitas. Companhia Editora Nacional: tradição editorial e cultura nacional nos anos 30, p. 16. in: [www.livroehistoriaeditorial.pro.br](http://www.livroehistoriaeditorial.pro.br) (acessado em 19.09.2011).

<sup>10</sup> Idem.

<sup>11</sup> Apud DUTRA, Eliana Regina. op cit., p. 305.

<sup>12</sup> DUTRA, Eliana Regina de Freitas. Opus cit., p. 307.

e metafórica sobre o país.<sup>13</sup> A coleção, que tinha a pretensão de colocar à disposição de seus leitores, “de um só golpe de vista, [...] toda a cultura nacional”,<sup>14</sup> tornou-se uma síntese do Brasil.

O conjunto de livros organizou-se em duas fases distintas: uma primeira, na qual foi dirigida por Fernando de Azevedo,<sup>15</sup> entre 1931 e 1946, e uma segunda, a partir de 1956<sup>16</sup> até 1993, quando foi publicada sob a coordenação de Américo Jacobina Lacombe.<sup>17</sup>

Ao assumir a direção da coleção, em 1956, Américo Jacobina Lacombe era diretor da Casa de Rui Barbosa, cargo que ocupava desde 1939. Como afirmam seus biógrafos, Lacombe era católico convicto e praticante, tendo participado da Ação Universitária Católica e frequentado o Centro D. Vital. Havia se formado em Direito em 1931, e obtido seu doutorado em 1933. Ainda no ano de 1931, Jacobina Lacombe tinha se tornado secretário do Conselho Nacional de Educação. Suas profundas relações com a intelectualidade católica carioca o tinham levado a participar do grupo que fundara a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, onde ministrava História do Brasil desde 1941. Com uma trajetória construída por meio de sua inserção nos espaços culturais estatais e católicos, Jacobina Lacombe era, nos anos 50, um indivíduo que ocupava lugar de destaque intelectual no Rio de Janeiro, o que, sem dúvida, foi determinante da escolha de seu nome para dirigir a coleção *Brasiliiana*.

## O concurso de 1957

Quando Jacobina Lacombe assumiu a direção da coleção em 1956, a *Brasiliiana* estava próxima da publicação de seu volume número 300. A Companhia Editora Nacional decidiu então, como se viu, realizar um concurso para escolher qual seria o título a ser publicado neste volume, e que marcaria também uma nova fase da coleção. Conforme previsto no regulamento do concurso, Américo Jacobina Lacombe, como diretor da coleção, teria lugar no júri. Assim, no dia 24 de agosto de 1957, ele recebeu de Antonio d’Elia, secretário administrativo da Sociedade Paulista de Escritores, uma carta convocando a sua participação e informando os nomes dos demais membros da comissão julgadora:

---

<sup>13</sup> Conforme leitura de SORA, Gustavo. *Brasiliianas: José Olympio e a gênese do mercado editorial brasileiro*. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo/Com-Arte, 2010.

<sup>14</sup> SORA, Gustavo. *Brasiliianas: José Olympio e a gênese do mercado editorial brasileiro*. Opus cit.

<sup>15</sup> Sobre a *Brasiliiana* sob a direção de Fernando de Azevedo, ver: DUTRA, Eliana Regina de Freitas. A nação nos livros: a biblioteca ideal na coleção *Brasiliiana*. In: DUTRA, Eliana e MOLLIER, Jean-Yves. *Política, Nação e Edição*. O lugar dos impressos na construção da vida política. Brasil, Europa e Américas nos séculos XVIII-XX. São Paulo, Annablume, 2006, pp. 299-315.

<sup>16</sup> Pelas pesquisas desenvolvidas até o momento, supomos que no período compreendido entre 1946 e 1956, a coleção não teve um diretor específico. Seus livros foram editados por funcionários da Companhia Editora Nacional que se responsabilizavam também por outros empreendimentos editoriais.

<sup>17</sup> Américo Jacobina Lacombe nasceu no Rio de Janeiro em 1909 e morreu nesta mesma cidade em abril de 1993. Quando jovem estudou no Curso Jacobina, de propriedade de sua família, e, posteriormente, se transferiu para o colégio Arnaldo em Belo Horizonte. Em 1927, iniciou o bacharelado na faculdade de Direito, formando-se em 1931. Neste mesmo ano tornou-se secretário do Conselho Nacional de Educação, onde permaneceu até 1939, ano em que foi nomeado diretor da Casa de Rui Barbosa. Dirigiu esta instituição por 54 anos, afastando-se apenas em dois momentos: quando foi Secretário de Educação e Cultura do antigo Distrito Federal, entre 1959 e 1960, na administração do prefeito Freire Alvim, e, entre 1962 e 1963, quando presidiu a Casa do Brasil, em Paris. Lacombe foi ainda professor de História em vários colégios do Rio de Janeiro e na Pontifícia Universidade Católica e professor de História do ensino de História do Instituto Rio Branco (Itamarati), além de ter sido presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e, a partir de 1951, ter integrado a Comissão de textos de História do Brasil do Ministério das Relações Exteriores. Sobre a biografia de Lacombe, ver: SENNA, Homero. Vida e obra de Américo Jacobina Lacombe. In: *Américo Jacobina Lacombe*. Coleção Papéis Avulsos, 28. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1996; MAGALHÃES, Rejane. Américo Jacobina Lacombe. Cronologia da vida e da obra. In: LUSTOSA, Isabel. *Lacombe narrador*. Coleção Papéis Avulsos, 24. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1996.

Prezado senhor,

Conforme é do conhecimento de V. S., seu nome foi escolhido para compor a comissão julgadora do prêmio “Brasileira” de 1957, instituído pela Cia Editora Nacional e distribuído por essa sociedade. Os seus companheiros nessa comissão são os professores Aroldo Azevedo, Florestan Fernandes, Hebert Baldus e Yan de Almeida Prado.

Ao concurso, cujas inscrições foram encerradas em fins do mês passado, concorreram 17 autores, conforme relação que anexamos a esta carta. [...]

Atenciosas saudações

Antonio D’Elia

Secretário administrativo.<sup>18</sup>

É interessante notar que a convocação de Lacombe para participar do júri do concurso parte do secretário da Sociedade Paulista de Escritores, o que indica, possivelmente, que ele não participava diretamente da organização do pleito. É provável que esta organização tenha sido feita a partir de um acordo direto entre a direção da Companhia Editora Nacional e a Sociedade Paulista de Escritores. A participação de Lacombe na comissão avaliadora do concurso, ao lado dos intelectuais atuantes nas instituições paulistanas, não foi, no entanto, harmônica. O concurso, mais que julgar os candidatos, exporia as fissuras entre um grupo de avaliadores com concepções distintas do que se deveria considerar uma produção de excelência sobre o Brasil.

Florestan Fernandes era, entre os componentes da comissão avaliadora, o membro de maior destaque. Pelo que se depreende da entrevista dada por ele ao *Diário de São Paulo*, sua atuação no júri do concurso foi absolutamente coerente com sua atividade de professor, que há cerca de três anos tinha assumido a cátedra de Sociologia I da USP, pretendendo modificar “a organização do ensino das ciências humanas”, eliminando o feitiço “antiquado” que, em sua opinião, ainda vigia nas universidades brasileiras.<sup>19</sup> Fernandes, visto pela bibliografia especializada<sup>20</sup> como a figura de referência no processo que estabeleceu os limites “entre reflexões consideradas rigorosas e científicas e aquelas vistas como impressionistas e arbitrarias”,<sup>21</sup> talvez tenha sido o membro do júri a dar o tom da avaliação que se realizou em 1957.

Outro membro do júri do concurso, e também professor da USP, era Aroldo Azevedo. Advogado formado no Rio de Janeiro, Azevedo, em 1936, havia se matriculado no curso de Geografia e História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, tornando-se mais tarde professor desta mesma instituição. Em 1957, época do concurso, Aroldo Azevedo já era reconhecido pela sua produção de livros didáticos de geografia. Segundo os autores que estudaram sua trajetória, a partir de meados dos anos 30, Azevedo liderou isoladamente o mercado de compêndios de geografia<sup>22</sup> para o

<sup>18</sup> Carta de Antonio d’Elia a Américo Jacobina Lacombe, de 24 de agosto de 1957. Fundação Casa de Rui Barbosa. Arquivo Américo Jacobina Lacombe. Pasta Concurso Brasileira 1957.

<sup>19</sup> FERNANDES, Florestan. Sugestões para o desenvolvimento das ciências humanas (maio de 1955). In: RODRIGUES, Lidiane. A produção social do marxismo universitário em São Paulo: Mestres, discípulos e “Um Seminário” (1958-1978). Tese de doutorado, São Paulo, USP, 2011.

<sup>20</sup> Sobre Florestan Fernandes e sua atuação na USP há uma extensa bibliografia. Entre outros textos, pode ser destacado: ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. *Metrópole e cultura*. São Paulo no meio do século XX. Bauru, Edusc, 2001.

<sup>21</sup> ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. *Metrópole e cultura*. São Paulo no meio do século XX. Opus cit., p. 204; RODRIGUES, Lidiane. A produção social do marxismo universitário em São Paulo: Mestres, discípulos e “Um Seminário” (1958-1978). Opus cit., p. 131.

<sup>22</sup> É importante considerar neste ano de 1958, Aroldo Azevedo publicou *Brasileira*, na série Grandes Formatos, a obra coletiva *Acidade de São Paulo* (estudos de geografia urbana), em quatro volumes.

ensino fundamental por cerca de duas ou três décadas, sendo considerado um dos responsáveis pela institucionalização da geografia científica no Brasil.<sup>23</sup>

Ainda entre os membros do júri do concurso destacava-se Herbert Baldus, indivíduo de relevo no campo intelectual paulistano da época. Etnólogo alemão, naturalizado brasileiro, ocupava desde 1939 a cadeira de Etnologia Brasileira na Escola Livre de Sociologia e Política (ELSP) e, desde 1947, chefiava a seção de etnologia do Museu Paulista, onde atuava também como editor da *Revista do Museu*.<sup>24</sup> Baldus<sup>25</sup> formava com Donald Pierson e Emilio Willems<sup>26</sup> as figuras mais expressivas da ELSP.<sup>27</sup> Segundo Luiz Henrique Passador, estes três pesquisadores haviam mudado o perfil da ELSP, que tinha deixado de “direcionar seu ensino apenas à formação de técnicos administradores” e passado a “se concentrar na formação de pesquisadores e cientistas sociais profissionais”.<sup>28</sup>

A comissão avaliadora do concurso contou também com João Fernando de Almeida Prado, conhecido como Yan de Almeida Prado, membro de tradicional família paulista. Almeida Prado havia participado da Semana de 1922, embora tenha rompido, posteriormente, com os membros do movimento modernista. Desde os anos 30, Yan de Almeida Prado dedicava-se à produção historiográfica, tendo publicado na própria coleção *Brasiliana* o livro *Primeiros povoadores do Brasil (1500-1530)*, em 1935.

Como se pode perceber, com exceção de Lacombe e de Yan de Almeida Prado, os demais membros da comissão avaliadora eram indivíduos inseridos no processo de profissionalização da atividade acadêmica em São Paulo, bem como na luta pela autonomização da vida universitária paulistana.<sup>29</sup> E Américo Jacobina Lacombe era o único membro do júri que não era ligado ao campo intelectual paulistano.

O concurso de 1957 contou com 17 concorrentes:<sup>30</sup>

Autor	Título do livro
Lucio Rosales	O visconde de Cairu
Alceu Maynard de Araújo	Medicina Cabocla
Antonio Alonso Silvino Suanes	Os emboabas
Henrique Oscar Wiederspahn	A conquista e o povoamento do Rio Grande do Sul – paulistas, lagunistas, açorianos
Renato Soares de Toledo	Onde tem macuco
Edison Carneiro <sup>31</sup>	A Insurreição praieira
Milton Santos <sup>32</sup>	O Centro da cidade de Salvador – estudo geográfico
Afonso Rui de Souza	Dossier do marechal Pedro Labatut
Ranulfo A. Pereira da Silva	Albores da nacionalidade brasileira

<sup>23</sup> PINA, Paula Priscila Gomes do Nascimento. A relação entre o ensino e o uso do livro didático de geografia. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2009 (dissertação de mestrado), p. 37.

<sup>24</sup> Sobre a trajetória de Herbert Baldus, ver, entre outros: PASSADOR, Luiz Henrique. Herbert Baldus e a antropologia no Brasil. Campinas: Unicamp, 2002 (dissertação de mestrado).

<sup>25</sup> BALDUS, Herbert publicou na *Brasiliana*, em 1937, o livro *Ensaio de etnologia Brasileira*, com prefácio de Afonso Taunay.

<sup>26</sup> Emilio Willems publicou na *Brasiliana*, em 1940, o livro *Assimilação e populações marginais no Brasil: estudo sociológico dos imigrantes germânicos e seus descendentes*.

<sup>27</sup> LIMONGI, Fernando. A Escola Livre de Sociologia e Política. in: MICELI, Sergio (org.). As ciências sociais no Brasil. São Paulo: Sumaré, 2001, vol. 1.

<sup>28</sup> PASSADOR, Luiz Henrique. Herbert Baldus e a antropologia no Brasil. Campinas: Unicamp, 2002 (dissertação de mestrado), p. 78.

<sup>29</sup> JACKSON, Luiz Carlos. Gerações pioneiras na sociologia paulista (1934-1969). *Tempo Social*. Revista de sociologia da USP, vol. 19, n. 1, pp. 115-130.

<sup>30</sup> A lista de concorrentes consta da carta de Antonio d’Elia a Américo Jacobina Lacombe. FCRB. AJL. Pasta Concurso Brasiliana 1957.

<sup>31</sup> Edson Carneiro publicou na *Brasiliana* em 1958, o livro *O Quilombo dos Palmares*.

<sup>32</sup> Nesse mesmo ano de 1957, Milton Santos publicou na *Brasiliana* o texto *Zona do cacau: introdução ao estudo geográfico*.

Gabriel Ribeiro Soares Filho	Retratos contemporâneos
Vamireh Chacon de Albuquerque Nascimento	O Capibaribe e o Recife – uma etapa na história social do Nordeste do Brasil
Juvenal Portela Santos e Maynard de Góes	A poesia arquitetônica
Gentil de Azevedo	Visconde de Taunay
José Lopes de Andrade	Mobilidade e marginalidade do homem do nordeste
Lia Silva Jardim	Antonio Silva Jardim
Waldemar de Almeida Barbosa	A Inglaterra na história do Brasil
José de Oliveira Lima	História do Senado da câmara da cidade do Salvador

Após a análise dos textos, a comissão julgadora, surpreendentemente, decidiu não premiar nenhum dos trabalhos, medida que, possivelmente, desagradou a Américo Jacobina Lacombe, visto que ele tentou negociar o resultado com os outros membros do júri. Por sua solicitação,<sup>33</sup> a comissão avaliadora se encontrou no dia 18 de novembro na sede da Companhia Editora Nacional, em São Paulo, para uma reunião na qual discutiriam o resultado do pleito. Porém, a decisão, anteriormente anunciada, foi mantida.

O resultado do concurso, como se viu, repercutiu amplamente na imprensa brasileira. A ausência de vencedores, no entanto, não levou a Companhia Editora Nacional a desistir do prêmio. No ano seguinte foi aberto novo concurso. Desta vez, a seleção foi organizada pela União Brasileira de Escritores (UBE), e contou com Américo Jacobina Lacombe, Florestan Fernandes, Paulo Duarte, Sérgio Buarque de Holanda e Yan de Almeida Prado na comissão julgadora.

É importante que se diga que a União Brasileira de Escritores (UBE) havia sido fundada neste mesmo ano de 1958 através da fusão de duas instituições: a Associação Brasileira de Escritores, então presidida por Mário Donato, e a Sociedade Paulista de Escritores, cuja presidência cabia a Paulo Duarte. O primeiro presidente da União Brasileira de Escritores (UBE) foi Sérgio Milliet, que contou com a vice-presidência de Mário de Andrade. Posteriormente, Milliet seria substituído por Sérgio Buarque de Holanda, que teria como vice-presidente Antonio Candido.

Como se pode notar, a nova comissão organizadora manteve os nomes de Lacombe, Yan de Almeida Prado e Florestan Fernandes. Herbert Baldus e Aroldo de Azevedo não compuseram o novo júri. Excluiu-se o nome do professor ligado a ELSP e o de um dos professores da USP. Mas isso não significava menor poder dos intelectuais paulistas, e especialmente uspianos, no concurso.<sup>34</sup>

<sup>33</sup> Ver a este respeito a carta enviada por Antonio d’Elia a Américo Jacobina Lacombe no dia 04 de novembro de 1957. FCRB. AJL. Pasta Concurso Brasileira 1957.

<sup>34</sup> Importante notar como todos esses intelectuais tinham como espaços de atuação a ELSP, o Museu Paulista e a USP. Florestan Fernandes obteve o título de mestre, sob a orientação de Herbert Baldus, na ELSP, onde Sérgio Buarque de Holanda também transitou, primeiramente como professor e, depois, como aluno, às vésperas do concurso para a cátedra na USP. Sérgio e Herbert Baldus atuaram juntos no Museu Paulista, onde o primeiro foi diretor de 1946-56 e, quando se ausentou para lecionar na Itália, o segundo assumiu seu lugar, pois atuava também na instituição. Esta instituição foi posteriormente incorporada à USP. Baldus, aliás, havia sido contratado para trabalhar no Museu Paulista pelo próprio Sérgio Buarque.

Um dos novos nomes incluídos no júri, Sérgio Buarque de Holanda, assumia esta posição no mesmo ano em que se tornava catedrático da USP, titular da cadeira de História da Civilização Brasileira.<sup>35</sup> O outro novo membro, Paulo Duarte, era um intelectual com inserção bastante ativa em São Paulo. Ao lado de Mário de Andrade tinha sido responsável pela fundação do Departamento Municipal de Cultura, em 1935, e tinha participado da elaboração de um projeto de lei, em 1936, que dispunha sobre a criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, no âmbito do Ministério da Educação e Saúde, além de ter sido editor da *Revista Anhembi* e autor de diversos textos.

Neste ano de 1958, apenas nove concorrentes<sup>36</sup> se inscreveram:

<b>Autor</b>	<b>Título do livro</b>
Manuel José de Miranda	A foz do rio Mar
Haroldo Paranhos	Os poetas da segunda geração romântica
Ulisses Lins de Albuquerque	Moxotó Bravo
Olímpio de Souza Andrade	Euclides e os Sertões
Edgard de Carvalho Neves	Os sertões: autobiografia de um titã
Alceu Maynard de Araújo	Medicina Rústica
Maria Elvira Celestino	O senador Zacarias e sua época
Antonio Morais Sampaio	Nhala Seca
Armando Dias Mendes	Introdução ao Planejamento Regional Brasileiro

O regulamento do concurso manteve-se o mesmo, com somente uma pequena alteração: do parágrafo 1º do art. 1º foi retirada a frase que informava que o texto premiado seria publicado no volume número 300 da coleção.<sup>37</sup>

É interessante observar que apenas um único concorrente participou dos dois concursos, Alceu Maynard de Araújo, e que foi justamente ele o premiado, e que, embora este dado não fizesse parte do regulamento do novo concurso, seu livro foi publicado como o 300º volume da coleção. O n. 300 da *Brasiliana* é exatamente *Medicina Rústica*, de Alceu Maynard de Araújo, publicado em 1960.

### **O livro vencedor: disputas no interior da coleção**

O livro *Medicina Rústica*, de Maynard de Araújo foi, portanto, o vencedor do concurso de 1958. O que teria levado seu autor a apresentar o mesmo livro no concurso pela segunda vez? Teria havido alguma indicação de bastidor para estimulá-lo a esta nova apresentação do mesmo trabalho? Teria sido a nova

<sup>35</sup> Sobre a trajetória intelectual de Sérgio Buarque de Holanda, há uma extensa bibliografia que pode ser consultada. Um dos mais recentes trabalhos sobre o tema é o de FURTADO, André Carlos. As edições do cânone: da fase buarqueana na coleção História Geral da Civilização Brasileira (1958-1972). Dissertação de Mestrado, Niterói, UFF, 2014.

<sup>36</sup> A lista de concorrentes consta da carta enviada por Antonio d'Elia a Americo Jacobina Lacombe em 20 de setembro de 1958. FCRB. AJL Pasta Concurso Brasiliana 1957.

<sup>37</sup> Idem.

composição do júri indicativa de que o texto de Maynard deveria ser novamente apresentado tendo alguma chance de premiação?

Inicialmente, é possível supor que o resultado do concurso tenha derivado de uma exigência da Companhia Editora Nacional, que pode ter determinado que, teria que haver, necessariamente, um trabalho premiado. Na apresentação do volume publicado, pode-se ler uma *Nota dos Editores* na qual se justifica a escolha do livro escolhido:

A coleção *Brasiliãna* completa com ele [este volume] a sua tricentésima publicação. Escolheu-a cuidadosamente. Sem desfazer, nem sequer julgar os seus demais volumes, alguns dos quais são culminâncias de nossa cultura, considera especialmente neste trabalho, como representativo, o seu espírito objetivo e o seu caráter eminentemente prático. [...] A premiação desta obra resultou de cuidadoso e rigoroso exame por parte de seleta comissão, e foi escolhida entre outros valiosos trabalhos inscritos em dois anos sucessivos ao concurso instituído por essa Editora. A vitória desse trabalho representa para a Editora que mantém essa veterana coleção uma satisfação indiscutível. Este livro resulta do amadurecimento de nossa mentalidade em face de nossos problemas.<sup>38</sup>

Porém, não é possível saber objetivamente o que ocorreu no interior dos trabalhos da comissão organizadora, pois, até o momento, não se pôde localizar os pareceres emitidos por esta comissão durante o concurso.

É bastante provável que o resultado do prêmio reflita a posição defendida por Américo Jacobina Lacombe, que naquele momento, como diretor da coleção, desfrutava de prestígio no interior da Companhia Editora Nacional. Pode-se até sugerir que tenha sido Lacombe o autor da apresentação que consta no volume publicado, visto que escrever as apresentações dos volumes era uma de suas atribuições como diretor da coleção, e que o texto ressaltava a seriedade do trabalho, atribuindo-a ao fato de a reflexão produzir um retrato autêntico do Brasil, como se pretendia realizar na *Brasiliãna*. Diz a nota:

Pode-se concordar ou discordar de alguns pontos de vista do Sr. Alceu Maynard Araújo, mas o que desde as primeiras páginas nos empolga é a seriedade e a tenacidade com que ele pesquisou a fundo o setor que se propôs analisar. Com algumas amostras desse tipo estaremos habilitados a elaborar um retrato autêntico do país, e não resultado dos devaneios de improvisadores. É, pois, uma contribuição honesta que traz a coleção *Brasiliãna* aos estudos brasileiros.

Mas é preciso ainda que se observe, considerando-se particularmente algumas conclusões das análises realizadas por Luiz Carlos Jackson que, no momento da realização do concurso da *Brasiliãna*, nas ciências sociais no Brasil, “a característica [...] do ‘estado do campo’ era dada por certa ambiguidade que se revelava nas trajetórias e obras dos protagonistas desse processo”.<sup>39</sup>

Se, até meados dos anos 50, a “liderança nas ciências sociais paulistas, era exercida por Donald Pierson e Emilio Willems”<sup>40</sup>, esta situação se altera, no período seguinte, quando Florestan Fernandes passa a ocupar uma posição mais destacada neste campo.

Pode-se sugerir que o resultado do concurso de 1958 não tenha agradado a Florestan Fernandes que, em 1957, já havia declarado ao jornal *O Diário de São Paulo* que nenhum dos concorrentes merecia a

<sup>38</sup> MATOS, Odilon Nogueira de. *O Brasil na “Brasiliãna”*. Campinas Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 1994, p. 181.

<sup>39</sup> JACKSON, Luiz Carlos, *op. cit.* p. 119.

<sup>40</sup> JACKSON, Luiz Carlos, *op. cit.* p. 118.

honraria, pois não tinha nenhum estudo que por sua novidade justificasse a inauguração de uma nova fase da coleção.

Elaborado inicialmente para uma palestra proferida por Alceu Maynard, em 1956, na Sociedade Brasileira de História da Medicina, o livro *Medicina Rústica* havia resultado de pesquisa desenvolvida sob a orientação de Donald Pierson na Escola Livre de Sociologia e Política. O projeto acadêmico de Pierson na ELSLP, como se sabe, “pretendia realizar um amplo panorama empírico da realidade brasileira por meio dos ‘estudos de comunidade’”,<sup>41</sup> “[...] a partir do qual generalizações teóricas e reformas políticas seriam sugeridas”.<sup>42</sup>

Este projeto diferenciava-se, em vários aspectos, daquele desenvolvido por Florestan Fernandes na cadeira de Sociologia I, na USP. Essas divergências derivavam, segundo Luiz Carlos Jackson, não apenas da fundamentação empírica ou teórica, mas especialmente pela distância nas concepções políticas: “a ELSLP representava, do ponto de vista dos sociólogos formados na USP, um projeto político acadêmico conservador”.<sup>43</sup>

Além dessa filiação de Alceu Maynard a ELSLP, o autor do livro premiado era também indivíduo ativo na produção dos estudos denominados folclóricos, movimento cultural que, segundo Luis Rodolfo Vilhena, queria buscar, naquele momento, um lugar próprio no espaço acadêmico,<sup>44</sup> posição também veementemente combatida por Florestan Fernandes, que considerava esses estudos um tipo de análise pré-científica e, portanto, a ser marginalizada no campo universitário.<sup>45</sup>

Apesar da situação de possível divergência das ideias defendidas por Alceu Maynard em relação ao que propunha Florestan Fernandes, e embora o professor da cadeira de Sociologia I tenha estado presente nos dois júris do concurso, o de 1957 e o de 1958, o livro *Medicina Rústica*, único concorrente que se repetiu nos dois pleitos – portanto, preterido no primeiro concurso – foi o vencedor.

Teria sido esta uma derrota de Florestan Fernandes no interior do grupo que compunha o júri? Ou teria Fernandes mudado sua opinião sobre a coleção *Brasiliana*, e julgado que novas propostas, mais condizentes com suas ideias sobre a produção sociológica brasileira, deveriam ser inseridas em novas coleções a serem organizadas a partir de outros critérios de seleção?

Nesses fins dos anos 50 e início dos 60, Florestan Fernandes, assim como Sérgio Buarque de Holanda, se tornariam diretores de duas novas coleções – a *Corpo e Alma do Brasil* e a *História Geral da Civilização Brasileira* – ambas publicadas no âmbito da Difel, editora sediada em São Paulo e dirigida pelo francês Paul Jean Monteil.

A coleção *Corpo e Alma do Brasil*, sob a direção de Fernandes, “visava contemplar trabalhos acadêmicos, particularmente aqueles desenvolvidos na USP”.<sup>46</sup> Assim, publicou, além do trabalho do

---

<sup>41</sup> JACKSON, Luiz Carlos, op. cit. p. 118.

<sup>42</sup> JACKSON, Luiz Carlos, op. cit., p. 121.

<sup>43</sup> Idem.

<sup>44</sup> Nos anos 50 houve um forte processo de organização e institucionalização dos estudos folclóricos no Brasil. Entretanto, em função das estratégias utilizadas por seus mentores e dos conflitos estabelecidos com alguns cientistas sociais, esses estudos acabaram, em grande medida, marginalizados no campo acadêmico. VILHENA, Luis Rodolfo. *Projeto e missão: o movimento folclórico brasileiro, 1947-1964*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas/Funarte, 1997.

<sup>45</sup> É importante considerar que a Revista Brasileira publica neste momento dois textos importantes e muito significativos desta disputa. O texto de Edson Carneiro, A sociologia e as “ambições” do folclore, em maio/jun. 1959, e a resposta de Florestan Fernandes, O folclore e as ciências sociais, em julho/ago. 1959.

<sup>46</sup> Sobre as coleções desenvolvidas no âmbito da Difel, ver: FURTADO, André Carlos. *As edições do cânone: da fase buarqueana na coleção História Geral da Civilização Brasileira (1958-1972)*. Opus cit. Especialmente sobre as coleções *Brasiliana* e HGCB, ver: VENÂNCIO, Giselle Martins e FURTADO, André Carlos. *Brasiliana & História Geral*

próprio Fernandes, que inaugurou o empreendimento editorial, obras de Fernando Henrique Cardoso, Emílio Willems e Octávio Ianni, entre outros. Na opinião de Carlos Guilherme Mota, esta foi

a mais importante coleção de obras renovadoras sobre o Brasil [...], um sopro renovador nas searas em que se cultivava o marxismo, a história, a sociologia. [Nesta coleção] definia-se a chamada Escola histórico-sociológica de São Paulo. Rigor, temas fundamentais da História do Brasil, métodos e técnicas modernas de pesquisa postas em prática, leitura mais cuidadosa dos clássicos [...] tudo o que marcava, então, o novo horizonte intelectual que se desenhava.<sup>47</sup>

O surgimento da coleção *Corpo e Alma do Brasil* que, possivelmente, já estava em processo de organização em 1958, pode ter levado Florestan Fernandes a considerar que a difusão da renovação dos estudos sociológicos se daria em outros espaços editoriais, fora do âmbito da coleção *Brasileira* e da Companhia Editora Nacional. Tanto mais pelo fato de que, como se disse, a Difel organizava, nesse mesmo momento, outra coleção – a *História Geral da Civilização Brasileira* – que, sob a direção de Sérgio Buarque de Holanda, entre 1958 e 1972, manteria também uma participação incontestavelmente predominante dos intelectuais uspianos.<sup>48</sup>

Porém, apesar das críticas de Florestan Fernandes à coleção *Brasileira*, ele não deixou de utilizá-la para a difusão de seus próprios trabalhos e ideias. Em 1959, o livro *Branco e negro em São Paulo: ensaio sociológico sobre aspectos da formação, manifestações atuais e efeitos do preconceito de cor na sociedade paulista*, assinado por ele e Roger Bastide, foi publicado na coleção, em sua 2ª edição.

Assim, é possível considerar que as coleções, mais que conjuntos de textos destinados a um público específico e segmentado, podem ser vistas como espaços de inscrição de disputas existentes no âmbito do campo intelectual. Os concursos realizados pela Companhia Editora Nacional, com o objetivo de escolher seu 300º título, evidenciam parte dos conflitos pelo protagonismo neste campo e podem ser lidos como eventos que permitem entrever uma intrincada trama de concorrências, que se revelam no processo de constituição e especialização da atividade acadêmica, na área de ciências sociais e humanas no Brasil, em meados dos anos 50.

**Giselle Martins Venancio:** Professora do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense. Possui doutorado em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com estágio de doutorado sanduíche na École des Hautes Études em Sciences Sociales (EHESS/Paris).

---

da Civilização Brasileira: escrita da História, disputas editoriais e processos de especialização acadêmica (1956-1972). Revista Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 5, n.9, jan./jun. 2013. p. 05 - 23.

<sup>47</sup> MOTA, Carlos Guilherme. Presença de Florestan Fernandes no IEA. *Revista Estudos Avançados*, 10 (26), 1996, p. 44.

<sup>48</sup> Sobre as coleções desenvolvidas no âmbito da Difel, ver: FURTADO, André Carlos. *As edições do cânone: da fase buarqueana na coleção História Geral da Civilização Brasileira (1958-1972)*. Opus cit. Especialmente sobre as coleções *Brasileira* e HGCB, ver: VENÂNCIO, Giselle Martins e FURTADO, André Carlos. *Brasileira & História Geral da Civilização Brasileira: escrita da História, disputas editoriais e processos de especialização acadêmica (1956-1972)*, pp. 05-23. Opus cit.